



ORIENTE MÉDIO EM CONVULSÃO

"Tarde demais para o Irã", avisa Trump

EUA e Israel intensificam bombardeios ao regime iraniano e ao movimento fundamentalista islâmico Hezbollah, no Líbano. Prédio onde 88 aiatolás da Assembleia de Experts se reuniriam para escolher o sucessor de Khamenei é destruído

» RODRIGO CRAVEIRO

A guerra entre Estados Unidos, Israel e Irã não se resume às armas. Washington e Teerã reforçaram a retórica belicista nas últimas horas, deixando pouca (ou nenhuma) margem para a rendição do regime teocrático islâmico. O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, assegurou que a maioria dos dirigentes iranianos nos quais a Casa Branca pensava que poderiam comandar o país persa “está morta”. “A maioria das pessoas em quem pensávamos morreu (...) Agora temos outro grupo (de dirigentes). Pode ser que também estejam mortos, segundo relatos”, disse. O republicano avaliou que a Operação Fúria Épica, em conjunto com as forças israelenses, “está indo bem”. “Praticamente tudo foi destruído”, declarou, durante reunião com o chanceler alemão, Friedrich Merz, em Washington.

Trump ressaltou que rejeitou uma oferta do Irã para retomar o diálogo. “A defesa aérea deles, a Força Aérea, a Marinha e a liderança se foram. Eles querem conversar. Eu disse ‘Tarde demais!’, escreveu em sua plataforma Truth Social. Do outro lado, os iranianos demonstraram disposição para travar uma guerra longa e advertiram que ainda não usaram suas armas mais sofisticadas. “Temos capacidade para resistir e realizar uma defesa ofensiva por mais tempo do que o previsto (pelo inimigo) para esta guerra imposta”, declarou o porta-voz do Ministério da Defesa, o general Reza Talai-Nik. “Não temos intenção de utilizar todas as nossas armas e equipamentos de ponta desde o início.”

Teerã e outras cidades iranianas voltaram a ser alvos de intensos bombardeios. De acordo com a agência de notícias Tasnim, caças-bombardeiros israelenses e americanos alvejaram o edifício onde estariam reunidos os 88 aiatolás (clérigos) da Assembleia dos Experts, o órgão responsável por escolher o sucessor de Ali Khamenei, líder supremo iraniano, morto durante um bombardeio ao seu complexo residencial, no centro da capital iraniana.

Durante algumas horas, o destino dos clérigos era dado como incerto — um ataque certo à eleição do próximo aiatolá representaria praticamente um golpe de morte no regime teocrático islâmico. A Assembleia de Experts tem realizado reuniões virtuais desde a morte de Khamenei. Um dos prédios do complexo, em Qom (a 100km de Teerã), foi atingido, mas, de acordo com a agência de notícias semioficial iraniana Fars, nenhum encontro ocorria no local. A Fars acrescentou que a seleção de um novo líder supremo está nos “estágios finais”. O jornal *The New York Times* divulgou que Mojtaba Khamenei, filho do falecido aiatolá, é o favorito para sucedê-lo. Também anunciou que o nome do escolhido deverá ser divulgado na manhã de hoje. Khamenei será sepultado na cidade sagrada xiita de Mashhad, em uma data ainda a ser definida.

As Forças de Defesa de Israel (IDF) anunciaram um ataque às sedes da Presidência do Irã e do Conselho de Segurança do país e iniciaram uma “ampla onda” de bombardeios. “A Força Aérea israelense (...)

Atta Kenare/AFP



Dos telhados de Teerã, iranianos observam coluna de fumaça depois de bombardeio à capital: escalada de ataques

Ibrahim Amro/AFP



Prédios em chamas depois de ofensivas aéreas de Israel na região sul de Beirute, bastião do Hezbollah

atacou e desmantelou instalações dentro do complexo da direção do regime terrorista iraniano no coração de Teerã”, afirmou o Exército Golestan — incluído na lista de patrimônio mundial da humanidade da Unesco — foi parcialmente danificado. A aviação israelense teria destruído uma instalação nuclear secreta chamada de Min Zadaí. Localizada a nordeste de Teerã, ela estaria ligada à fabricação de armas nucleares. O Irã, por sua vez, iniciou, ontem, a “16ª onda da Operação Promessa Verdadeira, (...) com uma multidão de mísseis e drones das forças aeroespaciais do Corpo da Guarda Revolucionária contra o coração dos territórios ocupados”,

disse um comunicado da Guarda Revolucionária, em alusão a Israel.

Desarmamento

Israel intensificou a campanha militar contra o movimento fundamentalista islâmico Hezbollah, em sua fronteira norte, com uma incursão terrestre ao sul do Líbano e mais bombardeios na região sul de Beirute, bastião do grupo. O Hezbollah garantiu ter alvejado três instalações militares israelenses. “Não vamos parar até que esta organização seja desarmada”, declarou o chefe do Estado-Maior israelense, tenente-general Eyal Zamir. Mais de 58 mil libaneses foram deslocados pelos ataques.

Especialista em Hezbollah pelo instituto Atlantic Council baseado em Beirute, Nicholas Blanford afirmou ao **Correio** que os israelenses intensificaram consideravelmente suas ações contra o Hezbollah. “Sob meu ponto de vista, não existe uma solução militar para desarmar o grupo. Eles podem degradar o Hezbollah, possivelmente de modo drástico, mas não é possível empregar apenas o poder bélico para desarmar uma organização”, avaliou. “Em última análise, é necessário um esforço político para finalizar o acordo, e os israelenses não estão nessa posição, pois somente podem usar a força. Teoricamente, a força pode levar a



A maioria das pessoas em quem pensávamos morreu (...) Agora temos outro grupo (de dirigentes). Pode ser que também estejam mortos, segundo relatos"

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos

780

Número de iranianos mortos desde sábado nos ataques aéreos, segundo a organização Crescente Vermelho

uma solução política, mas ela, sozinha, não levará ao desarmamento do Hezbollah.”

O saudita Aziz Algashian, analista do Fórum Internacional do Golfo (em Riad), coloca em xeque a assertiva de Trump de que praticamente toda a cadeia de comando do Irã teria sido destruída. “É muito difícil de acreditar nisso. Acho que eles serão atingidos como nunca foram, mas retornarão. A questão é saber se haverá uma mudança de regime. Trump havia dito que o programa nuclear iraniano tinha sido obliterado, em junho do ano passado. Não era verdade. Então, ele retornou à guerra para fazer a mesma coisa”, explicou à reportagem. “A completa e permanente

Eu acho...

Arquivo pessoal



“O Hezbollah decidiu se envolver no conflito e está colhendo as consequências dessa decisão. Creio que eles veem isso como a ‘última batalha’ contra o inimigo israelense, da qual falam desde 2006. Este é o confronto final. Impossível dizer como isso termina ou o que virá a seguir. É um momento existencial para o regime iraniano e para o Hezbollah.”

NICHOLAS BLANFORD, especialista em Hezbollah pelo instituto Atlantic Council baseado em Beirute

Arquivo pessoal



“A menos que essa camada de liderança seja eliminada e comecem a ocorrer deserções significativas, com insurgências nas periferias do Irã, a guerra não terminará nas próximas quatro a seis semanas. O cálculo iraniano é que, talvez, após esse período, os americanos e os países do Golfo sejam forçados a parar e, talvez, um acordo possa ser alcançado.”

UMER KARIM, pesquisador do Centro Rei Faisal para Pesquisa e Estudos Islâmicos (em Riad)

destruição das capacidades de enriquecimento de urânio, que pode levar à mudança de regime, é uma realidade distante.”

Por sua vez, o paquistanês Umer Karim — pesquisador do Centro Rei Faisal para Pesquisa e Estudos Islâmicos (em Riad) — admite que os EUA e Israel têm fortes capacidades de inteligência em campo. “Eles foram capazes de localizar e eliminar a liderança iraniana. No entanto, isso não significa que tenham destruído o sistema iraniano. A estrutura institucional do regime permanece intacta e consegue responder à situação, impondo custos tanto aos EUA quanto a Israel diretamente. Indiretamente, atinge os países do Golfo Pérsico, a economia global e o mercado de energia”, disse ao **Correio**. Karim adverte que a guerra pode durar muito tempo. “O regime iraniano não vai a lugar nenhum sem tropas americanas em solo. Também não cederá para negociações sobre condições americanas por pelo menos um mês ou mais.”